



SEÇÃO: ENTREVISTA

Entrevista com o autor Caio Riter: leitura e formação do leitor¹

Interview with the author Caio Riter: reading and reader's training

Entrevista al autor Caio Riter: lectura y formación del lector

Brendom da Cunha

Lussani²

orcid.org/0000-0003-0154-8580

bclussani@gmail.com

Kadine Saraiva de

Carvalho²

orcid.org/0000-0002-9749-0493

kadine_saraiva@hotmail.com

Ângela Cogo

Fronckowiak²

orcid.org/0000-0001-7949-2519

acf@unisc.br

Recebido em: 02/08/2022.

Aprovado em: 08/07/2022.

Publicado em: 24/08/2022.

Esta entrevista, vinculada à disciplina "Infância, Leitura e Ensino", do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC), retrata uma conversa com o autor de literatura infantojuvenil Caio Riter. Concedida pelo escritor, foi conduzida e transcrita pelos alunos do doutorado em Letras, Brendom da Cunha Lussani e Kadine Saraiva de Carvalho, e busca elucidar algumas percepções do autor acerca dos temas leitura, formação do leitor, e sua obra *Futurasções*.

Caio Riter é Doutor em Literatura Brasileira pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e professor de Língua Portuguesa no Colégio Militar de Porto Alegre (RS). Sua produção literária é destinada, especialmente, ao público infantil e juvenil, e faz com que seja reconhecido nacionalmente como um dos principais nomes da literatura infantojuvenil. O escritor gaúcho já recebeu prêmios como Açorianos, Barco a Vapor, Associação Gaúcha de Escritores (AGEs), Orígenes Lessa e Selo Altamente Recomendável, além de ter sido finalista do Prêmio Jabuti por quatro vezes.

A conversa com o escritor aconteceu em contexto pandêmico (2021), portanto, foi realizada através da plataforma *Google Meet*. No presente texto, apresenta-se a transcrição da entrevista, com autorização de publicação pelo entrevistado. Ao transpor as linguagens – orais e escritas, procuramos ser fiéis ao conteúdo exposto, mas permitimos algumas adaptações na transposição das linguagens, tais como as hesitações de palavras e, por vezes, a estrutura sintática. Tais mudanças foram realizadas para apresentar ao leitor um texto claro e elucidativo.

Qual a sua relação com a leitura?

Eu costumo dizer que a minha relação com a leitura é uma relação de vida. Na verdade, eu me construí como pessoa, construí quem eu sou hoje (e eu costumo brincar que eu gosto de quem eu sou hoje) muito



Artigo está licenciado sob forma de uma licença
[Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

¹ Esta entrevista foi realizada com o apoio financeiro da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES.

² Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC), Santa Cruz do Sul, RS, Brasil.

por essa relação com o livro e com a leitura, uma relação que eu não sei como se iniciou, não consigo recuperar isso, em virtude de eu nascer e viver numa família não muito favorecida economicamente. O objeto *livro* não tinha uma presença constante na minha casa, embora eu tenha algumas memórias, por exemplo, de abrir uma gaveta, de uma espécie de cômoda, onde ficava a TV, e achar um exemplar velho de *Ben-Hur*, sem capa ou capa rasgada. E lembro que comecei a ler esse livro, que se transformou em uma memória de leitura bem forte, de quando já era adolescente.

Eu tinha uma mãe bem contadora de histórias, a gente não tinha televisão quando era criança. Ela gostava muito de brincar com as palavras e de contar histórias, então acho que a minha pré-história leitora vem daí, dessa mãe que explorava a palavra esteticamente, sem ter, possivelmente, uma noção do que ela estava promovendo em mim. Lembro que meu pai lia *pulp fiction*, e minhas irmãs liam *fotonovela*, sobretudo a irmã mais velha. Minha pré-história leitora, portanto, é anterior ao meu contato com o livro. Inclusive, estou escrevendo um artigo exatamente sobre isso: a importância de se pensar a leitura antes do contato com o livro, porque muitas vezes a gente percebe isto – tanto nas famílias, quanto nas escolas – o contato com o livro está muito escolarizado: “Ah, quando tu souberes ler, eu vou te presentear com o livro” ou “Ah, quando tu souberes ler eu vou te contar histórias”. Então eu parei para me questionar um pouco sobre isso e escrevi um breve artigo que trabalha um pouco sobre *educar para a palavra*, para o contato com a palavra e não para o contato com o livro. O contato com o livro seria, na minha concepção, um segundo momento para a construção de leitor. A minha vida toda vai se estabelecendo a partir do meu contato com o livro, mas de uma forma muito autodidata, entrando nas bibliotecas públicas e escolhendo: “Ah, esse eu quero”. E minha formação é muito maior com a literatura brasileira e gaúcha, talvez por não ter quem me apontasse os clássicos.

Há uma dificuldade de formar leitores hoje em dia? Você consegue sinalizar quais são os empecilhos na formação de um novo leitor?

Se pensarmos na questão do que eu chamo de *pré-história leitora*, que seria esse momento que está muito mais ligado ao lúdico, à brincadeira com as palavras e ao contar histórias para as crianças, talvez a dificuldade esteja um pouco aí. Nessa vida meio louca, meio corrida, muitos pais ou responsáveis por crianças, muitas vezes, não têm momentos para isso, como esses momentos “da rua” que se tinha muito. Quando eu era criança, por exemplo, nós tínhamos horário à noite, era até às 22h que podíamos brincar e ficar na rua. Mas a minha mãe era uma criatura muito zelosa, então ela botava uma cadeira na frente do portão e ficava sentada ali, observando a gente brincar. E muitas vezes ela nos chamava para as brincadeiras, e essas brincadeiras normalmente envolviam a palavra. Eu lembro que às vezes ela gritava “*Bento que Bento é*” e a gente já corria para perto dela, porque a frase “*Bento que Bento*” já instituíam um outro momento, uma outra atmosfera em que era uma espécie de “Chefe manda”. Então ela ficava nos dando ordem e meus amigos e eu ficávamos cumprindo essas ordens, as quais eram instituídas por este ritmo: “*Bento que Bento é*”, e respondíamos “*frade*”; “*Na boca do forno*”, “*fogo*”. Tinha toda uma poeticidade nesse momento, e me parece que isso, de alguma forma, se perdeu.

A escola, sobretudo na pré-escola, tem buscado assumir esse papel, de resgate das cantigas populares, dos trava línguas e das parlendas, que são essenciais, são fundamentais para isso que eu chamo de *educar para a palavra*, para ficarmos sensíveis e percebermos que palavra é muito mais do que meramente semântica. E este é um grande problema: quando começa o ensino formal, ali na primeira série, perde-se o “ludismo” ou ele passa para um segundo plano, e o foco vem para a alfabetização. O foco passa a ser o *que a palavra significa* e não a sonoridade da palavra, ou os efeitos dessa palavra em um texto, ou a beleza ou não da escrita da palavra, ou a questão do que a palavra te opera, enquanto

emoção e sentimento. Eu costumo dizer que a palavra "mãe" pode ser belíssima para uma pessoa e horrível para outra, dependendo da relação que você constrói, ou não, com uma mãe. O caráter afetivo com as palavras é muito grande. Acho que se perdeu um pouco disso e aí vem aquilo de você achar que forma leitor a partir do contato com o livro.

Podemos ver também uma dissintonia no ensino fundamental entre as séries iniciais e as séries finais. Nas séries iniciais, o livro (a leitura) vem como um ato de liberdade. E eu não acredito que, dentro da escola, o livro possa ser visto como um ato de liberdade, eu acho que a gente só pode ter liberdade de escolha, quando a gente aprendeu, de alguma forma, a escolher. E a escola deveria promover essa possibilidade de escolha. A gente se torna leitor livre para as nossas escolhas, parodiando Ítalo Calvino no "*Por que ler os clássicos*", fora dos muros da escola. Dentro da escola, a escola tem que ter um plano, um projeto, para formar leitores, e ela tem que ter a clareza de que para formar tal leitor eu tenho que possibilitar tais leituras. E aí foge-se um pouco da liberdade de "*Ah, vamos na liberdade e cada um tira o livrinho que quer*", mas tem que ser: "*Tu és do terceiro ano?! Tem que ser da estante do terceiro ano*" que é uma liberdade não tão liberta assim...

É uma liberdade velada.

Eu acho que muitas vezes o professor tira de si a responsabilidade de contribuir com a qualificação do leitor. Acho que hoje, quem forma leitor, é a família. A escola, me parece, está deixando a desejar, embora o grande objetivo da escola seja formar leitores. As estratégias, talvez, não estejam bem adequadas, apesar de haver muitos professores fazendo trabalhos significativos e trabalhos de formação de leitor.

Casualmente, um garoto pediu para me seguir no Instagram, ele tem um perfil chamado "*Tendo surtos*" e ele me marcou, porque ele fala de uma

experiência leitora que teve com um livro meu. E foi uma experiência leitora na escola, com obrigatoriedade de leitura. A professora indicou "*Vocês têm que ler esse livro aqui*", que é um livro meu. E ele narra que, meio contrafeito (essa coisa da liberdade), ele foi fazer a tarefa escolar e se encantou com o livro e hoje é um guri leitor. E, além disso, é um guri que tem um *Instagram* de indicação de leitura. Então me parece que a escola deve assumir esse papel de formador de leitores e que indicar livros não é nenhum mal, pelo contrário. O professor fez uma seleção, o professor fez uma escolha, e ele entende/sabe o porquê é importante o aluno ter contato com aqueles livros. Eu, quando dava aula de Língua Portuguesa,³ trabalhava com leitura obrigatória, uma leitura mensal obrigatória.

Pensando nas classificações que as editoras propõem (literatura infantil, juvenil e adulta). Você considera uma classificação adequada? Ou é um limitador de escolhas para o leitor?

Eu acho que a editora orienta. Quem proíbe um jovem de tocar num livro ou outro, é a escola. Na minha casa, minhas filhas nunca foram proibidas de tocar em qualquer livro. Às vezes eu dizia "*Filha, isso é um livro adulto, não sei se tu vais entender*". Eu sempre lia histórias para a minha filha mais velha antes de dormir. Tinha as histórias de bocas – que eram inventadas, e as de livro. Às vezes ela dizia "*Quero uma história de boca*". O problema era quando, na outra noite, ela queria a mesma história de boca da noite anterior, e a gente não lembrava. Mas eles [as crianças] têm uma memória fantástica "*Não pai, é assim, é assado*". Mas uma vez ela disse: "*Hoje eu não quero que tu leia um livro meu, quero que tu leia um livro teu*"⁴. E eu disse: "*Tã, beleza. Que livro que tu quer?*", ela disse "*Romeu e Julieta*". Ela estava, talvez, no terceiro ano, deveria ter uns 7 ou 8 anos. Eu disse: "*Filha, mas a história é bem longa...*", e ela respondeu: "*Mas não tem importância*". Ela havia assistido na televisão que havia

³ O autor refere-se a uma prática no passado, mesmo que ainda dê aula de Língua Portuguesa.

⁴ Aqui a filha solicita um livro do acervo de leituras do Caio Riter, não um livro do qual ele seja o autor.

um balé "Romeu e Julieta", e ela me perguntou o que era Romeu e Julieta, eu expliquei que era a história de dois namorados e de duas famílias inimigas. Então à noite ela pediu a história. E a única edição que a gente tinha era uma edição para teatro, não tinha edição com uma adaptação narrativa. E eu comecei a ler para ela. Li o primeiro ato numa noite e pensei: "*Noite que vem deu, já era*". Mas na outra noite ela disse: "*Pai eu quero Romeu e Julieta, de novo*". Levamos, mais ou menos, uma semana para ler Romeu e Julieta. Lembro de outro evento, quando minha mulher estava lendo *O tempo e o vento* e ela disse: "*Mãe o que tu tá lendo?*", "*Ah... é um livro sobre a história do Rio Grande do Sul*", "*Lê pra mim*". Minha mulher começou a ler pra ela, Erico Verissimo, *O Tempo e o Vento*, e parou um certo momento. E ela disse: "*Continua, tá bom*". Então, às vezes a gente tem um pouco disso: de limitar.

Eu, por exemplo, fui ler *A Bagaceira*.⁵ Cheguei na biblioteca e vi um livro chamado *A Bagaceira* e disse: "*Nossa, eu quero ler esse livro*", porque na minha época "bagaceira" era uma mulher chula, terrível: "*Ah que mulher bagaceira; ah que homem bagaceiro*", pensei: "*opa! Vai ser uma história muito eletrizante, muito erótica, cheia de sexo*". Então fui lá e retirei *A Bagaceira* – e foi a maior decepção da minha vida, porque *A Bagaceira* era a máquina de tirar o bagaço da cana. Então eu acho que é isso: não dá pra censurar. Mas as editoras, muitas vezes, fazem essa orientação, e muitos professores, às vezes, a seguem. A Nelly Novaes Coelho⁶ define muito mais por habilidade leitora do que por idade. Ela diz *leitor iniciante, leitor fluente, leitor crítico*. Você pode ter um leitor crítico com 8 anos e pode ter um leitor iniciante com 15 anos, isso vai depender muito dos estímulos e das capacidades em relação à leitura que essas crianças e adolescentes foram motivados e incentivados. Então é uma mera indicação e eu acho que o professor tem que ser capaz de perceber isso, o *professor leitor*. Porque nós vamos ter também, muitas vezes, professores não leitores e que têm

como tarefa formar leitores. Não funciona, não tem como. Como você vai formar leitor se você não é leitor?

Você é um professor, logo: um professor-escritor ou escritor-professor?

Olha... eu não sei se consigo mensurar assim. Eu acho que as duas coisas estão muito imbricadas na minha vida. Quando me penso, eu me penso professor e me penso escritor. Então quando leio um texto, pode vir "*Ah seria legal usar com meus alunos*", "*Ah com meus alunos seria bacana fazer tal coisa*" e ao mesmo tempo vem "*Ah, isso aí daria para ser um personagem*". Eu me sinto as duas coisas. O professor veio antes do escritor (do escritor publicado), embora a escrita esteja presente na minha vida desde muito cedo. O desejo de escrever surgiu quando tinha uns 17 ou 18 anos, eu era muito leitor e pensei *se não seria possível escrever também e publicar*. Mas a publicação veio bem depois, eu tinha 30 anos quando publiquei meu primeiro livro. O que me sustenta, de fato, é minha profissão de professor. Eu encaro o ser professor como uma profissão, ou seja, é o que me sustenta. E o ser escritor eu não encaro como uma profissão, talvez porque eu não *viva* da escrita, embora pudesse, se fizesse. Eu costumo dizer: se eu tivesse feito uma escolha de vida, como ser celibatário, ser solteiro, não ter família, seria somente escritor. Mas se hoje alguém disser "*Se puder optar, ficando com os mesmos ganhos financeiros, vai escolher ser professor ou ser escritor?*", eu escolheria ser escritor, com certeza, sem sombra de dúvidas, embora fosse sentir falta da prática docente.

Ainda pensando nesta ideia de ser professor e estar professor: a escola é um laboratório de ideias, linguagens e temáticas? Pensando exclusivamente no público para o qual você dá aula (ensino médio), aquele espaço, aquela convivência, antes presencial, agora a distân-

⁵ *A Bagaceira* é um romance do escritor brasileiro José Américo de Almeida, publicado pela primeira vez em 1928.

⁶ A associação citada pelo autor pode ser conferida em: COELHO, N. N. *Panorama histórico da literatura infanto-juvenil*. São Paulo: Ática, 1998.

cia, era um grande laboratório para Caio Riter, o escritor?

Sim, com certeza. Eu costumo dizer que um dos motivos pelos quais eu não me afasto da sala de aula, é para manter esse contato bem próximo, porque... O que acontece? Quanto mais o tempo passa, mais eu me afasto do adolescente que eu fui. Minhas filhas são mulheres adultas hoje, então onde eu posso experimentar? Onde eu posso ficar conectado com a adolescência? O espaço que eu tenho é a sala de aula. Porque o adolescente é sempre o mesmo, o que quero dizer é que as inquietações são, de certa forma, as mesmas, algumas delas impostas pela sociedade, outras são propícias de cada adolescente, e é a sala de aula que me mantém conectado a isso. A sala de aula, muitas vezes, sugere a criação de determinados personagens e de determinados conflitos que possam gerar um novo livro, uma nova obra. Não que todos os meus livros para adolescentes tenham surgido assim.

Na pandemia, eu tenho produzido mais para a infância, isso tem me causado um certo estranhamento, porque eu curto muito escrever para adolescente, até porque os personagens adolescentes ficam convivendo muito mais tempo comigo: tempo de produção do livro, desde o surgimento da ideia, até o ponto final, é um tempo muito mais longo do que um texto para a infância. Mas, agora na pandemia, eu acabei produzindo mais para a infância.

Por que literatura infantojuvenil?

Foi um acidente. Nós sempre pensamos num acidente como sendo coisa ruim, né? Mas eu penso que acidente é quando alguma coisa nova acontece na nossa vida, alguma coisa inesperada. Você pode, por meio de um acidente, dobrar uma esquina que não ia dobrar e encontrar o amor da sua vida e se você dobrasse para o outro lado você não o encontraria. Então foi um *acidente bom*. Eu não pretendia escrever para

crianças, a minha esposa insistiu. Eu cursava Letras na época, a minha segunda faculdade; fiz Jornalismo primeiro, porque eu queria ser escritor, mas me dei conta de que Jornalismo não ia me levar para a escrita de jeito nenhum. Então eu fui fazer Letras para poder ler e estudar aquilo que eu gostava. Quando eu estava fazendo uma cadeira⁷ de literatura para infância, a minha esposa dizia que era para eu escrever para a infância, e eu dizia que não tinha nada a ver e que queria escrever para adultos. Escrever coisas bem terríveis, tipo "A Bagaceira". Eu queria muito ser pai e quando minha esposa ficou grávida da nossa primeira filha, a Helena, fiquei muito maravilhado com aquilo, e quis dar um presente para a Elaine, minha companheira, um presente que fosse único. Presente que só ela tivesse e mais ninguém. Então me lembrei dela dizendo para eu escrever para a infância e aí eu escrevi, illustrei e montei, artesanalmente, um livro chamado "Fruto Verde" e a presenteei com esse livro. Gostei da experiência e comecei a fazer outros livros artesanais como esse. Eu fiz mais cinco, eu acho. Mas nunca pensando em ser publicados, pensando apenas que quando minhas filhas crescessem elas iriam ter os livros dos escritores para ler e os livros que o pai fez, e que iriam achar um carinho bacana.

Entretanto, um dia, uma colega de aula sinalizou que uma professora da universidade estava montando uma editora. Essa professora não era minha, então ela [colega] se ofereceu para ser essa ponte e levar meus textos. Eu permiti que a Terezinha levasse meus textos para a editora, desde que não levasse o "Fruto Verde", porque era uma promessa à minha esposa de somente ela ter, então ele nunca foi editado. Hoje minha filha tem 27, então o livro "Fruto Verde" tem 28 anos e até hoje ele fica na estante, junto com os outros. Eu nunca *scaneei* para ser de fato único. Então, escrever literatura infantojuvenil, na verdade, foi esse acidente bom, e a partir dali eu acabei publicando meus dois primeiros livros com essa editora, que não existe mais. A editora era a *Inter-*

⁷ Cadeira é o termo que comumente se utiliza para se referir às disciplinas ofertadas na graduação.

pretavida, ela publicou quatro livros: dois meus e fechou. E eu sempre quero acreditar que não foi por conta dos meus livros que ela fechou e que foi por outro motivo. Depois eu troquei de editora e segui na linha do livro infantil e juvenil. Cheguei a publicar três livros de contos para adultos, o último eu acho que é de 2011, faz bastante tempo, 10 anos. E em 2019 publiquei um livro de poesia para adultos. Mas é muito mais difícil, porque como meu nome está muito ligado à literatura para infância e adolescência, e as editoras com as quais trabalho não têm livro publicado para adultos, eu sempre tenho que buscar uma nova editora que resolva investir num Caio que não é "o Caio", o autor Caio mais conhecido e mais desejado nas escolas, por exemplo, porque quem escreve para a infância e adolescência tem esse mercado [nas escolas].

Nós falávamos sobre formação de leitores, aqui no Rio Grande do Sul, sobretudo a formação do leitor está muito ligada à presença do escritor na escola, o que é uma coisa que, a princípio, não tem nada a ver. Mas aqui se criou esse projeto, a partir do governo Simon,⁸ "Autor Presente", que leva os escritores às salas de aula. E muitos outros projetos surgiram "clonados" do *Autor Presente*. Isso mostra que a formação de leitores está muito ligada à adoção do livro e à presença do autor na escola, o que em outros estados não é tão comum como aqui. Então acaba que, como costume dizer, o autor para a infância e adolescência tem mercado, que o mercado não é só a livraria ou as festas literárias, também são as feiras de livros, mas sobretudo a escola. Porque a escola assumiu, para si, o projeto de formar leitor, embora eu ache que tenha que ser repensado tudo isso. O autor para a infância e para a adolescência é um autor que acaba circulando e vendendo. Tem muitas editoras que focam nesse nicho e só têm livro para a infância e para a adolescência.

O que você entende por "infância"? O que é "infância"?

Eu acho que a gente poderia pensar a infância de duas formas: na sua essência – que é um espaço de descoberta, um espaço de liberdade, um espaço em que você percebe que a criança está muito receptiva, no caso da leitura, à palavra. A criança é metafórica, por essência, e muito disso vai morrendo (e se matando). A criança fala por meio de poesia, e é muito lindo isso, mas isso vai se perdendo conforme ela vai para a escola e conforme vai se alfabetizando. Nós temos uma outra infância, hoje, que é essa infância que eu diria que é "massacre". É aquela infância em que a liberdade e as descobertas são, de alguma forma, podadas, e muitas vezes se entende a criança como um investimento para o futuro. E nessa infância ["massacre"] eu vejo muitas vezes pais e mães colocando seus filhos na pré-escola já buscando uma escola que prepare o filho para o vestibular, sendo que a criança ainda tem quatro ou cinco anos. Deixa a criança viver a infância! O vestibular é uma etapa da vida, não é a vida. Eu digo isso para os meus alunos do terceiro ano do ensino médio: "A vida de vocês é mais que uma prova no vestibular, então vamos curtir esse terceiro ano, vamos ritualizar esse final, essa passagem, aproveitem esse ano para curtir os amigos que depois vocês não vão ter mais. Passar no vestibular, se não passar agora, passa no ano que vem, se não passar no ano que vem, é só tu te focar, que vai passar". É claro que quem teve uma boa formação tem mais vantagens, infelizmente vivemos em uma realidade que separa determinadas pessoas e que coloca rótulos e tatua, às vezes, as pessoas com "universidade não é pra ti".

Mas enfim, acho que a infância... é muito necessário esse resgate, essa reinvenção do que é a infância. Me dói muito quando vejo uma criança, por exemplo, diante de um tablet, paralisada ali, quase que robótica diante daquelas imagens se mexendo e matando a criatividade. E o que mais dói é que os pais que fazem isso [oferecendo tablets e outras tecnologias] acreditam que estão oferecendo o melhor, infelizmente, com aquela

⁸ Pedro Jorge Simon governou o Rio Grande do Sul de 1987 a 1990.

ideia de "Vou dar para o meu filho o que eu não tive", quando que se você der uma sucata, uma tampinha, isso vai virar um robô, uma espaçonave, e vai atizar a fantasia, a imaginação. É uma pena, de verdade.

Para se ter uma ideia, no aniversário das minhas filhas, quem fazia a animação era eu. Eu e as gurias [filhas] construíamos um teatro com uma caixa de papelão velha e alguns personagens, também de papelão, e montávamos o nosso teatro. Não era nada assim "*Vamos comprar os fantoches dos 'Os Três Porquinhos'*", era "*O que a gente tem aqui em casa que pode virar 'Os Três Porquinhos'? Ah, esse copo é um porquinho, esse lápis é outro porquinho*". E isso tudo se perde [hoje em dia], infelizmente, porque falta essa sensibilidade para a importância de explorar o espaço da fantasia, do sonho. Na infância, isso é algo que está sendo violentamente atacado, independentemente de classe social.

A obra *Futurações*⁹ tem algum público-alvo definido no momento da escrita? E por que *Futurações* é o poema-título da obra?

Futurações surge da minha percepção como leitor de que havia poucos livros de poesia para a adolescência, no sentido de falar das coisas adolescentes, era isso que eu pretendia no livro. Percebi que tinha um ou outro livro, como [Sérgio] Caparelli e Dilan Camargo, enquanto havia muitos livros de poesia para a infância e muitos livros de poesia para adultos, então quando você ia trabalhar/trazer a poesia para o adolescente, ou você trazia algo que estava aquém das inquietações deles ou algo que estava além, e não as coisas da adolescência mesmo, as preocupações que, muitas vezes, podem ser como o "*Poema circunstancial*",¹⁰ sobre a espinha no nariz. Uma espinha para um homem de 40 anos é nada, mas para um adolescente que está indo para uma festa, naquele final de semana, onde ele vai encontrar alguém com quem ele está afim de ficar e surge uma espinha na ponta do nariz, isso torna-se uma

questão existencial, não é uma espinha, é muito mais do que uma espinha. E muitas vezes essas inquietações da adolescência são relativizadas pelo pai e pela mãe, que, querendo diminuir o sofrimento, dizem "*Ah, é só uma espinha, meu filho*", "*Não te inquieta com isso*", "*Isso vai passar*", "*A mãe e o pai só querem que tu sejas feliz*". Quando uma mãe ou um pai nos dizem que "só querem que sejamos felizes", eles estão nos destruindo, porque falam como se ser feliz fosse fácil. Não é fácil ser feliz! E eles só querem isso de nós. Olha o compromisso que temos de trazer: a felicidade para o nosso pai e para a nossa mãe, é horrível – embora eles estejam super bem-intencionados.

Então quando surge o *Futurações*, ele surge com esse conceito. Para se ter uma ideia, eu sou capricorniano, meio racional, então eu listei temas em um caderno, onde registro coisas/pensamentos/poemas, e a grande maioria dos temas listados viraram poemas, outros não. Fui ler poetas - eu faço muito isso: quando vou escrever um livro de poesia (porque os livros de poesia e de conto são projetos pra mim), eu não vou escrevendo um poema aqui, um poema ali, um poema lá, eu penso no livro, sobretudo quando ele é para a infância ou adolescência. Eu penso a temática do livro e começo a explorá-la, e daí vou atrás de outros poetas, para ver a solução que os poetas encontraram, que formas poéticas foram usadas, porque fui muito mal "alfabetizado" no estudo de poesia, tanto no mestrado e no doutorado, quanto na faculdade. Então fiz essa listagem de temas e comecei a explorá-los, a produzir os livros em cima de uma necessidade, de uma percepção da falta de livros que tratassem de temas adolescentes. Eu não queria escrever um livro para adolescentes, eu queria escrever um livro que tratasse de temas adolescentes, em que os eus-líricos (feminino, masculino) estivessem problematizados com esse ser/estar adolescente.

O título *Futurações* não foi título meu. O título *Futurações* era título de um dos poemas, nesta linha de que o adolescente está sempre *futurando*,

⁹ RITER, Caio. *Futurações*. Porto Alegre: Projeto, 2014.

¹⁰ *Poema circunstancial* integra a obra *Futurações*.

de alguma forma preocupado com o amadurecer e, muitas vezes, o circuito social onde ele está inserido também está dizendo "O que tu vai ser quando crescer?", "Que profissão tu vai ter?", "Quantos filhos tu vai ter?", "E o(a) namorado(a)? Vai ter ou não vai ter? Estou estranhando". Então escrevi esse poema, o poema que fala sobre o "futurar".

O título do livro era para ser "Elefantes com asas acompanhado com um breve dicionário de termos adolescentes", e o livro tinha duas partes: a parte que vocês conhecem, que é o Futurações, e a parte que nunca foi publicada, o dicionário. Eu pegava a palavra "Pai", por exemplo, e criava uma definição dessa palavra sob o ponto de vista adolescente, outras palavras eram "Namorado", "Namorada", "Colégio", "Professor", dentre outras desse universo. Uma editora quis só o dicionário quando eu apresentei, e eu disse "Não, são as duas coisas juntas", então passei por outra editora, que disse que queria somente os poemas, que foi a editora Projeto, que publicou. Eu disse "Tá, manda ver só os poemas mesmo".

Tem um poema que utiliza a metáfora do título "Elefantes com asas", que eu pensei no adolescente cheio de uma carga, um peso, e ao mesmo tempo com as asas querendo voar. Como o elefante voa? Pensei um pouco no adolescente com essa imagem. Mas a editora achou que o título não caía bem – embora eu ache bonita a metáfora – e sugeriu a troca para Futurações e eu aceitei. Esse é meu único livro que o título não foi eu que criei. Até porque vocês não vão encontrar um livro meu (a não ser Futurações) cujo título seja um conto ou um poema, porque, como eu disse antes, eu entendo o livro de contos e de poemas como um projeto e não como uma junção, mesmo que eu junte, porque às vezes surge um poema aqui e outro lá, mas mesmo que resolva juntar isso em um livro eu tentarei dar uma unidade. Tenho um livro de poesia que se chama *Saberes da água*,¹¹ por exemplo, e não tem nenhum poema com esse nome. O meu mais recente livro de contos também, ele leva o título de *Ventos sobre terra vermelha*¹² e não

tem nenhum conto com esse nome. Nenhum dos outros tem algum poema ou conto como título, embora a palavra-título possa aparecer em algum momento dentro do livro.

Pensando na questão estrutural do livro, a ordem dos poemas passa uma sensação de que há um amadurecimento dos eus-líricos ao longo do livro. Você, autor, concorda com isso? É algo proposital? E uma última pergunta, na sua opinião, qual é o valor da literatura hoje em dia?

Em relação à estrutura do livro, não lembro exatamente a ordem os poemas, lembro que o primeiro é *Futurações* e que o último é quase um metapoema, dizendo "Olha, o que tu leu aqui, se conversou contigo, legal, se não conversou, são só poemas", uma certa ironia – isso é só poesia, ou seja, não vale nada. E que talvez entre na tua outra pergunta, a utilidade da arte é uma discussão que se faz muito: até que ponto a arte, de fato, tem um papel relevante? Me parece que, no coletivo, ela não tem papel relevante nenhum, e até me causa estranheza que governos autoritários, como o que estamos vivendo atualmente, ataquem o livro. O governo atual está querendo taxar o livro em 12% dizendo que rico lê e pobre não lê. Então o rico pode pagar mais caro pelo livro? O que é uma grande mentira. Acho que até a pesquisa deve ser mentirosa, no sentido de que quem é da classe alta às vezes acha "chique" ler, então quando perguntam se ele lê, ele pode mentir que "sim", que lê e compra livros. E aí os projetos de leitura, que normalmente costumam levar livros nas comunidades mais carentes, acabam sendo dificultados.

Então acho que no plano do livro provocar uma revolução, que é o que essa gente imbecil acredita que pode acontecer, não. Mas o livro pode provocar uma revolução em nós. O contato com a arte, pela inutilidade da arte, pode acabar, de alguma forma sendo útil, não no sentido utilitário da palavra, porque na nossa sociedade capitalista sempre pensamos nessa questão da

¹¹ RITER, Caio. *Saberes das águas*. Porto Alegre: Editora Ates & Ecos, 2019.

¹² RITER, Caio. *Vento sobre terra vermelha*. Porto Alegre: Besouro Box, 2012.

utilidade. É o que acontece na escola, quando muitos pais não compram o livro, porque pensam "Ah, ele vai ler o livro, mas e depois, o que eu faço com esse livro?". Ouvi depoimentos de professores que quando o governo tinha um projeto no qual a criança recebia, em casa, uma caixinha com livros, eles contaram que as crianças devolviam o livro para a escola e diziam "Guarda aqui, porque a minha mãe já disse que se me pegar lendo em casa de novo, vai colocar fora ou queimar os livros". Então: você oferece o livro, mas não prepara o ambiente para acolher o livro; mais ou menos como aconteceu no interior do Nordeste, quando as pessoas estavam acostumadas a fazer cocô no mato e o governo construiu banheiros, mas não instrumentalizou as pessoas para usá-los. Quando voltaram um ano depois, o vaso estava com plantas, a casinha tinha virado galinheiro e as pessoas seguiam fazendo cocô no mato. E é aquilo: o óbvio deve ser explicado. E com a leitura é a mesma coisa, você precisa criar (de alguma forma, não há receita) a necessidade do livro, de ficar doente se não puder ler, de ficar doente se não conseguir ir ao cinema (como agora não podemos [em tempo de isolamento social]). Costumava levar minhas filhas ao teatro, e lembro que uma vez a minha filha pequena disse "Tã na hora da gente ir num 'tilatinho', né?", porque havia uma necessidade – ir ao teatro é bom, é legal.

Me parece que a arte não está dotada desse *utilitarismo* que a sociedade do consumo, a sociedade capitalista, nos coloca e nos provoca. Vemos as pessoas trocando de celular porque elas têm a necessidade de um modelo com mais recursos, porque a sociedade assim colocou, e essas mesmas pessoas acham o livro caro e não investem no livro. Então... me parece que se a arte não provoca uma revolução social, ela pode provocar uma revolução dentro de nós, ela pode nos tornar pessoas mais sensíveis, mais empáticas, e isso sim, isso contribuiria com a construção de uma sociedade mais sensível e mais empática, que é o que a gente sempre precisou e segue precisando. No Brasil, neste momento, mais ainda, visto que estamos mais desamparados em nível de instituições.

Resumindo, dentro do que se entende por *utilitarismo* na sociedade em que vivemos, a arte não tem utilidade alguma. Na verdade, sua utilidade vai na contramão do utilitarismo. Nós somos assim também, a sociedade faz com que as relações humanas, muitas vezes, sejam utilitárias: eu me aproximo de determinada pessoa a partir do que ela pode, de alguma forma, me promover, e não necessariamente no sentido de ser ponte, de estar aberto para compartilhar saberes, afetos e conhecimentos.

Brendom da Cunha Lussani

Mestre em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), em Porto Alegre, RS, Brasil. Doutorando em Letras, Estudos Linguísticos e Cognição, Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC), em Santa Cruz do Sul, RS, Brasil. Bolsista PROSUC/CAPES. Professor de Língua Portuguesa da Educação Básica nas Redes Particular e Estadual de ensino do Rio Grande do Sul.

Kadine Saraiva de Carvalho

Mestra em Letras pela Universidade de Santa Cruz do Sul (PUCRS), em Porto Alegre, RS, Brasil. Doutoranda em Letras, Estudos Linguísticos e Cognição na Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC), em Santa Cruz do Sul, RS, Brasil. Bolsista PROSUC/CAPES.

Ângela Cogo Fronckowiak

Doutora em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), em Porto Alegre, RS, Brasil. Professora do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC), em Santa Cruz do Sul, RS, Brasil.

Endereço para correspondência

Brendom da Cunha Lussani

Universidade de Santa Cruz do Sul

Avenida Independência, 2293, prédio 10, sala 1024A, secretaria

Bairro Universitário, 96816501

Santa Cruz do Sul, RS, Brasil

Os textos deste artigo foram revisados pela Poá Comunicação e submetidos para validação do(s) autor(es) antes da publicação.